



# AZUL



ANNO I.º

Pela Arte

TOMO I.º

Director: Thiago Peixoto.

Curityba, 24 de Junho de 1900

## Só

*Dlin . . . . . dlin . . . . .*  
*. . . . . blon . . . . . blon . . . . .*

Elle que viêra da frieza lyrica de um Sol-Posto, á hora em que as gangrenas turgidas dos occasos se diluem no roxo vespéral das grandes nostalgias infinitas— Elle, tão só, tão mystico n'aquelle penar das suas sandades, a evocar brancas imagens seraphicas de ty-sicas e marmores partidos de tumulos, lá se foi n'uma aza desse mesmo Sol-Posto para alem do silencio polar da Morte, onde rebôa o soido dos psalticos carilhões das velhas ermidas aldeans.

*Blon*  
*dlin*  
*dlin*  
*blon*

Anto! Ae, a Rosa como lhe não daria lyrios e magnolias,—a elle que sempre vivera a pedir inspiração ás magnolias e aos lyrios!

Anto! Ae, as ceifeiras como não entoariam resas por su'alma, —

ellas que o viam quasi sempre a pedir a esmola de uma lagrima pelas alminhas dos que partiam á hora crepuscular do Sol-Posto!

*blon*  
*blon*  
*dlin*  
*dlin*

E o Senhor Abbade então?...  
 Agua-benta levou-lhe á Cova.  
 E os sachristas d'aldeia d'Oli-  
 vaes?...

Canto-chão e *pater* ao solar le-  
 varam.

E os leprosos e aleijões famin-  
 tos?...

Cirios queimaram á passagem  
 d'Anto pelas renques dos vinhaes  
 em flôr.

E os anhos branquinhos como a  
 néve, que pasciam nas margens  
 do Mondego?...

Foram-se a chorar quando Anto  
 desapareceu n'aza do Sol-Posto.

*Dlin dlin dlin blon blon blon*

Poentes de França adeus! Lá fica  
um carrilhão a tocar:

*Blon*

*blon . . . on . . . on*

Ae, Nossa Senhora dos Afflictos,  
como elle vae tão bello na sua  
alcátifa de camelias do solar; tão  
só, como um Santo Christo em  
Sexta-Feira da Paixão!

Não mais o velho Reyno o ve-  
rá, pois que lá se evolou Elle  
para o Azul da lusitania!

E a Nossa Senhora dos Mila-  
gres?...

Ficou.

E a negra batina d'estudante?...

Ficou.

E as ladainhas da Rosa em dias  
de jejum?...

Ficaram.

E a egreja d'Oliveiras, tão en-  
feitadinha em dias d'esponsaes?...

Ficou lá baixo, em terras de  
Portugal.

*Dlin . . . blon*

*dlin*

Já nem mais resoam as gui-  
tarrilhas de Coimbra...

Nem o velho *bull-dog* ladra aos  
coçurutos das cordilheiras geladas...

Nem na latada rescende a vinha...

Nem luares...

Nem manchas d'amores nos co-  
rações das ceifeiras...

*Dlin . . . blon*

Elle vae agora para o além das  
Nostalgias infinitas...

Para o Além...

*Dlin*

E com quem, Santo Christo de  
Pinhel, vae elle habitar agora?...

Anto?...

Sim, Anto...

*Dlin*

Só...

*Blon, blon . . . on . . . on*

Só!

*Nestor de Castro.*

## Estrellas Cadentes

I

Alvos flocos de neve em refulgencias de astros  
Bailando pelo ethereo espaço illuminado,  
Levaram-n'a sorrindo em um leito de nóstros  
Para um céu ideal luzente e constellado.

Presinto uma corrente a conduzir de rastros  
Todo o meu Ideal, soluçante e cansado  
Como um vento pagão sibilando nos mastros  
Duma Nau que navega em mar encapellado.

Essa Estrella que foi para um Paiz distante  
Num cortejo de luz de luares de hynverno  
Era a Chimera em flor do meu sonhar constante.

Hoje as noites de outono alvas de luzes fatuas  
Que continham outr'ora o carinho mais terno,  
Refulgem para mim em morbidez de estatuas.

*Generoso Borges.*

## Alvorada e Ocaso

A. Celestino Junior

Com o corpo frio, em gelo, com os lábios desbotados, com os sonhos de purpura inteiros envoltos no manto e na algidez da tísica, elle debruçou-se triste e vago ao peitoril da larga janella emmoldurada de flores verdes. Estendeo o olhar amortecido e circumdado pelo roxo das olheiras, para o longe horizonte luminoso.

No azul claro do céu o sol faiscante de ouro andava espalhando ondas de luz alada sob o felhado vermellho das cazarias brancas e sob o campo verdejante onde as lavadeiras, lenços de chita atados a cabeça, vestidos suspensos a um lado, cantarolando desdobravam roupas que alvejavam nos ramos folhudos das murtas agrestes banhadas ainda pela orvalhada da madrugada de Maio.

Na suave transparencia do ether, borboletas, como peregrinas flores do espaço — doiradas azas abertas — engrinaldavam, n'uma magnificencia de cores, o azul illuminado e iam enflorar a copa das macieiras cheirosas que espreguiçavam-se a viração e ao sol do meio dia.

Cigarras cantavam occultas entre as folhas das alleluias amarellas.

Havia por tudo um movimento amplo de trabalho e de vida.

No ar limpo e sereno, onde as tintas fortes da luz cambiante davam um encanto incomparavel e uma saudade vaga e infinita, o fumo negro das chaminés das fabricas subia em caracol e ia desfazer-se todo no alto, serenamente. Uma restea de sol poison na face pallida e nevada de tísico e foi espalhar-se doidamente entre os lyrios azues que floresciam n'um vazo de payagem chinesa, a um canto, entre os reps cor de rosa leve, desmaiado.

Elle volveo o olhar que a doen-

ça velava e amortecia, para um lado do quarto onde balouçava-se a aragem fresca do dia magnifico, a capa de brocatello verde-mar e o chapéo de plumas de ouro.

Oh! era olhar para esses objectos agora esquecidos e abandonados a um lado, como as cinzas das suas hymnarias alegrias de outrora e a mystica flor do passado surta magoada e bella, coroada pelo luar dormente da saudade a perfumar-lhe a alma. Resurgia-lhe do fundo do seu martyrio a nostalgia d'esse tempo extincto a que hoje as agruras do presente davam mais encanto e suavidade e esbatiam de tons mais festivos e coloridos, mais poeticos e vagos, como o doce canto dolente de uma pastora, ao cahir melancholico da tarde.

Ah! fôra hontem por certo que partira assim, cavalheresco e altivo, alma como a corolla de uma flor, aberta para a égide luminosa do céu; coração enamorado onde a esperanza alvorecia com grandezas immortaes de aurora; fôra hontem sim, que partira n'um resplendor de estrellas, n'um brilhar de pompa, n'uma alegria de festa, para a jornada da vida, desconhecida e vaga. Fôra hontem ainda que adormecera depois da orgia immensa da noite enluarda, sob a relva emmaranhada do caminho, entre papoulas vermelhas, na doçura da sombra que o dia nascente espalhava, chapéo de plumas a um lado, a um lado a capa de bohemio.

Estava ainda a ver, atravez da penumbra da saudade, as camponezas, de vestidos de ramagens vivas, lyrios da varzea na tranca, na mão lyrios tambem, a descerem o serro refulgido pelo crepúsculo da tarde que resplandecia de tintas intensas as nuvens e clareava, n'um destaque de cor, n'uma vibração de luz, a linha longiqua das serranias que pareciam roçar com os seus pinçaros engrinaldados, o céu ideal da primavera.

E no entanto, elle sabia, não

mais repousaria a cabeça sobre as campinas tufadas de boninas e emoitadas de rozas.

Estava morto, sabia.

Oh! agora que via-se perdido, que via tudo anoitecer em derredor de si, vinha-lhe um apego a existencia, vinha um desejo immenso de viver. Um desespero infinito, uma afflicção de navrigo, retorecia-lhe a alma, como uma rajada violenta retorce uma arvore desgalhando-a impiedosamente.

E ver tudo apagar-se n'um momento, ver tudo que amava tão profundamente, desaparecer de si, n'essa noite que o esperava! Santo Deus! Virgem serena dos afflictos!

Com que ancia febril, com que nostalgia desesperada, fitava n'essas noites claras, o luar de opala, que descia, que resvalava entre nuvens e montanhas, muito fino, illuminando o azul, prateando as cidades e os bosques onde as palmeiras falhavam como virentes virgens das selvas.

E não veria mais esse luar que iria abrir no céu de outras primaveras!

Condemnado á morte! E nem mais lagrymas tinha para chorar o desespero supremo que soluçava-lhe na alma tormentosa e desgrednhada, como uma louca da rua.

Oh! elle que nos dias ruidosos de sua mocidade ás vezes desejava sinceramente a morte, achando o mundo tão pezado e a vida tão cruel, hoje que via-se perdido, queria viver, tinha saudade do mundo e piedade de tudo que outr'ora odiara.

Oh! queria viver! queria viver! E nem sabia quem fallava-lhe agora: si era a alma ou si era o instincto animal de todos os homens.

E tinha um asaombro mudo da cova, perdida entre as alamedas de cyprestes. Na febre que o devorava julgava sentir já no peito as pás peizadas de terra humida que

o coveiro sinistro atirava tranquillamente, a cantar

Via os vermes roendo-lhe os olhos, sentia-os congelando-lhe os labios. E não os podia repellir, com os musculos presos pelo gelo.

Sentia-se suffocado, sentia falta de ar, alli n'aquella larga janella onde a atmosphera trespallava a seiva das araucarias florescentes, que resmoneavam lá fora.

Era como um viandante seguro a uma arvore á beira ameaçadora d'um abysmo e que visse a terra ceder, tremar, e a arvore pouco a pouco ir precipitando-se na voragem maldicta. Olhou para as unhas: ellas começavam-se a tingir d'um roxo-negro; sacudio a cabeça, desolado; era o seu roxo-negro crepusculo final da vida. Era o symphoma clarissimo da morte. Então a alma d'elle volveu-se e genuflexou-se, como uma criança na primeira communhão, ante o altar reflorescido da Crença.

E era n'esse altar onde ardia ainda o fogo sagrado da esperanza derradeira; era n'esse altar que elle avistava o Deus piedoso, o pai magestoso dos humildes e dos fracos, dos pequenos e dos bons, lá nesse céu aberto para compensar todos os martyrios e todas as desillusões da alma humana.

Era o unico oasis cheio de sombra e de palmeiras, o unico refugio que encontrava entre as pedras da vida.

Mas a duvida tremenda, n'um momento fez desaparecer todo esse encanto sereno e o enfermo contrahio os labios n'um sorriso de dôr.

O inverno chegou. Vinha cansado o inverno. Atirou para cima da esmeralda dos luridos salgueiros a sua capa alva de neve e os salgueiros não soluçaram mais.

Vinha fatigada a invernia agreste, vinha de longe carregando as dhalias e os lilazes e amortalhan-



do os tysics, no pallôr do seu luar.

N'essa tarde elysia, quando a aragem passava despindo as folhas largas dos coqueiros, entrou pelo quarto do moribundo, a correr e a sorrir, n'uma frescura de alvorada, cabellos soltos ao vento, uma loira e virginal criança. O ouro basto da madeixa emmuldurava-lhe o rozado avelludado vivo da face. E n'uma tagarellice de passaro a cantar, queria que o seu papai fosse ver o Manoelinho que vestido de anjo, com palmas bentas e crucifixo nas mãos enrelegadas, entre cysanthe-mos azues, n'um caixão côr de roza e ouro ia para o céu tão bello.

Mas como alguém entre soluços lhe dissesse que o seu papai tam-bem ia para o céu, que estava mor-to, ella poz-se, a olhar para o en-terro que passava e exclamou admirada:

—Oh! pois o papai vai para esse céu tão lindo que a avosinha con-tou-me que já viu uma vez quando rezava?

Pois quando papai accorder eu quero pedir-lhe que guie o Manoe-linho na estrada que vai dar a mo-rada da Virgem, si não elle pode se perder no meio do caminho, quando a neve e a treva cahirem. E talvez não encontre o céu.

Mas notou: porque todos chora-vam quando o seu papai ia para o céu?

E porque a avosinha soluçava tam-bem, entregue a magestade d'essa dor, com a cabeça branca e prateada, como o luar, pendida, vergada para um lado? Porque

chorava a avosinha, quando tin-ha dito emballando-o ao collo, que esse céu era feito de virgens, de Deuzes, de crianças, de lyrios e de estrellas e que para lá só iam os bons gozar para sempre? Por-que soluçavam então? E a loira criança, sacudindo a formosa ca-beça doirada pela luz do sol po-ente, sem nada comprehender, ficou com o espirito oscillando confusa-mente entre o céu bondoso e o desespero infinito dos que choravam.

E descrendo então do céu, cho-rou tam-bem.

Não era por certo esse o céu que n'essas noites constelladas a avo-zinha lhe fallara.

Porque haviam-no enganado, per-guntava, porque haviam-no feito sorrir de alegria sabendo que o papai e o Manoelinho não viver fa-lizes entre os anjos, quando esse céu não existia?! Si existia por-que choravam então?

E chorou convulsamente, debru-çada ao hombro da avosinha.

E era a duvida e era a incerteza que tinham por certo abandonado o coração do morto e que ficavam redivivas ensombrando na primeira desillusão cruel o coração virginal do filho.

E era a duvida tremenda que nascia no coração lyrial d'essa an-gelica criança, d'essa alvorada lu-minosa que vinha loira, fresca, ro-zada e ideal, como uma borboleta no azul, para o sacrificio brutal e esmagador da vida.

20—Junho—1900.

Santa Rita Junior.

## Fim de um conto

A Gaspar Moraes

*E terminou assim o velho abbade,  
A sua historia prenhe de agonia:*

“Brilhava a lua cheia de saudade,  
Ha muito havia terminado o dia

Quando cheguei. No vetusto castello  
Tudo era paz; dormitavam archeiros,  
E fulgia no Azul o sete-estrello,  
Trazia o vento as trovas dos campeiros.

Percorri varandins de sul a norte  
E o silencio envolvia-me absoluto,  
E fui a tactoar,—sombra de morte,  
Espalhando a chorar a dor e o lucto.

Novamente reli a luz da lua  
Aquella carta lobrega e maldicta,  
E a imagem d'Ella, loira e semi-nua,  
O meo olhar sem luz de novo fita.

Sobre a lagea tombei extenuado  
De fadiga da celere jornada,  
Aguardando — qual triste condemnado,  
A sua derradeira madrugada.

Manhã! casquina o sol francas risadas,  
E de novo o castello ao sol rebrilha.  
E fui cheio de dôr, pernas cançadas,  
Levar a extrema uncção á milha filha."

**Thiago Peixoto.**

Louco afrojei-me em meio da  
turba que me rodeava avida de  
vingança. Eu tinha o olhar sinis-  
tro dos condemnados á forca. Pers-  
crutei as lividas physionomias de  
carrascos que me cercavam e tive  
frio. Perto, nenhum coração ami-  
go, para guardar o meo crime, o  
crime de tál-a amado.

As apupadas surgiram em cô-  
ro, unisens, por todo o espaço e

ella, a flor de espinhos que me  
sangrava a alma, flor desabrocha-  
da ao luar nostálgico d'um calido  
estio, não apparecia, não me vi-  
nha salvar rebatando-me dessa  
multidão que me gania esfaimada,  
exigindo uma victima.

As ferreas portas d'uma hor-  
renda prisão iam-se fechar sobre  
mim,

Eu sentia frio.

É loucura lutar com a  
fatalidade; essa fatalidade  
que me jogava ás cadeias de  
um pesadelo infindo; a fata-

lidade de dizer-lhe que a amava, que a queria muito.

Oh! como devo ter soffrido amando-a sempre, mas com que tortura, com que temor estranho si a não posso ver, si afasto-a dos meus sonhos negros de maldicto.

Pensamentos terríveis se chocam, biblicos dragões n'esse antro terrível que assimila infernos. E eu soffro muito, muito.

Desnuda o inverno as frondes verdejantes das arvores para florescer aos faustos da primavera.

A minha alma não floresce mais, medrou a parasita do desespero — a descrença dos que cançam de soffrer.

Olhos d'alma...

Mentira.

Olhos que me vêem debater ao carcere da duvida e não entristecem. As minhas

faces cavadas pela angustia, empallidocidas pela insomnia acaso não vós culparam á essa nudez inexpressiva que tortura-me o ser?

Olhos trahidores e vis!...

Porque não fallaram bem alto, vesgos e assassinos, os olhos da tua alma? e dirias — eu te renego á ti ser abjecto, porque repugna-me o fardo de miseria que arrastas sem asylo debaixo deste pallio recamado de flores e onde a ventura é a unica soberana ou, compassivos e bons, não volvestes a mim na tranquillidade dos que se amam, para que, livre destes ferros que me torturam, possa ao doce aconchego dos teus braços, sonhar ao suave murmurio da tua voz cantando os preludios de uma felicidade infinita.

Olhos trahidores e vis!...

Nicolau dos Santos.

## Mercedes

Ao José Braga



etumba no ar um grito estrepitoso  
De acclamação, quando Mercedes passa,  
A fulgir como um sol, em seu luminoso  
Coupé tirado por corseis de raça.

Cómo que na aza rutila do gozo  
Sente-se preso, e pelo Azul escova  
O coração do povo, que nervoso  
Brinda essa imagem fulgida da graça.

Uma explosão frenética de palmas,  
Mais accentua o gozo que essas almas  
Sentem ao vel-a tão gentil passar...

Ella sorri... e em paga da ruidosa  
Ovação, lança ao povo a luminosa  
E captivante flor do seu olhar.

Adolpho Werneck.

## Arte de amanha

(Barlet e Lkjay)

Continuação.

Assim, como são diversas estas apparencias!

E' são estas mesmas apparencias que vos desorientam quando pretendeis limitar a Arte a alguma dellas, ou melhor, á alguma das quatro especies em que se agrupam, — pois, pela natureza das cousas, ha quatro generos principaes de expressão do Bello, quatro variedades de Arte, tanto em Pintura, como nas outras.

Eis como:

Todas estas expressões, sem duvida, são relativas ao homem; nascem em sua alma pelo jogo de suas faculdades; divergem, entretanto, ou seja que se refiram a si mesmo, ou ao Absoluto, que se manifesta exteriormente.

Com effeito, nenhum de nós pode negar que a forma, a luz, a côr tenham Belleza intrinseca que impressiona a qualquer homem. Não ha população, por mais primitiva, que não procurasse colorir as tendas e os vestuários, ornar os utensilios com linhas e arabescos, e dar-lhe de preferencia certas e determinadas formas. E' gosto que a civilização apura, mas não creou, e é nesse sentido que se pode falar da belleza absoluta das cousas.

Ao mesmo tempo, emtanto, cada individuo tem gostos especiaes, preferencias assignaladas por tal ou tal forma, tal ou tal colorido. Os objectos falam-lhe, e lhes interpreta a linguagem de modo inteiramente particular. Essa a parte mais humana e mais subjectiva da Belleza: depende de nosso temperamento e não dos proprios objectos.

Um exemplo nitidizará melhor essa distincção: A *Boucherie* de Rembrandt. A impressão recebida pode ser de duas especies: Uns sentir-se-hão impressionados com os

sentimentos que lhes possa ella despertar; nos muros inmundos nódoas ignobes; sobre o pavimento borbotões de sangue ainda quente, as carnes sangrentas da victima confrangir-lhe-hão o coração de piedade ou desgosto, dar-lhe-hão fremitos de horror, sempre sentidos quando se abre a porta do matadouro, infamado como a casa do algoz. Eis o effeito da Belleza subjectiva, que emociona a alma humana.



Como uma madrugada de flores illuminou a nossa tenda de trabalho o numero 22 do „Sapo“, engrinaldado com o busto delicado de Nestor de Castro, o admiravel *conteur* que nós tão profundamente amámos.

Essa galharda revista tambem ergueo sua sincera homenagem ao grande poeta Emilio de Menezes.

Abraçamos ao Leocadio Correia e ao Leite Junior pelo fulgor que têm imprimido na linha d'esse esplendido jornal litterario.



Como fidalgamente brindados pelo Nestor de Castro com o bizarro conto que hoje resplandece nas paginas da nossa folha como uma via lactea desdobrada no Azul.

Gratos pela distincção que nos fez esse magnifico artista.

### Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

### ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDAÇÃO:

Rua Dr. Muricy Nº 57.

„Typ- Der Beobachter“

Travessada Proclamação Nr. 5.

CURITYBA,